

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO

ARACUS ARANIUS NICEUS,
UMA DIVINDADE INDÍGENA VENERADA
EM MANIQUE DE BAIXO (ALCABIDECHE)

Separata de
ACTAS DAS II JORNADAS ARQUEOLÓGICAS, volume II



LISBOA



MCMLXXIV

Antes do reaparecimento da ara

Baseado num manuscrito anónimo da Biblioteca Nacional de Nápoles («Anonymus Neapolitanus», f. 38, 39), Hübner transcreveu no Corpus Inscriptionum Latinarum (II 4991) esta inscrição duma «ara de S. Paulo (Lisboa)»:

ARACOARANTIO
NICEO. I. MAXVMA
AVVI. V. A. S. L. S.

Em comentário, afirma tratar-se duma «ara colocada a alguma divindade desconhecida por uma mulher, segundo parece, que *votum animo suo (?) libens solvit*». No índice, lança a hipótese de o vocábulo *aram* estar incluído na 1.^a linha.

Holder, no seu dicionário de antiguidades, célticas refere (I 171) ¹

¹ HOLDER (Alfred), *Alt-Celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vol. I (A-H), 1896.

a indicação de Hübner; apresenta, porém, *Aracus* como sendo antropónimo.

Leite de Vasconcelos (Rel. II 313)² considera a inscrição dedicada a uma divindade dos *Turduli Veteres*, de carácter incerto, e pergunta se o teónimo será *Aracoaranioniceus* ou *Coaranioniceus*, na esteira da dúvida apresentada por Hübner, donde, aliás, transcreve a notícia. E acrescenta: «Em vão tenho procurado o monumento; decerto desapareceu».

Vieira da Silva (EO, 238)³ segue idêntica orientação, baseado em Hübner, chegando a crer que se trata do deus Coarânio (?) de Niceia, cidade onde porventura tal deus era cultuado. Em jeito de achega, V. Silva anota que Niceu era sobrenome de Júpiter e que, na mesma igreja de S. Paulo, onde a lápide estava no último quartel do séc. XVI, existia uma outra em memória dum *Coranius* (ou *Coaranius*? — pergunta ele).

Por seu turno, o prof. Tovar⁴ sugere que talvez *Aracoaranioniceus* seja um «composto impróprio», sugestão bastante para que Blázquez-Martínez (RPH I 206)⁵ afirme que o é, repetindo, quanto a outros aspectos, as afirmações de Hübner.

O reaparecimento da ara

Sucede, porém, que, em 1966, quando se procedia à abertura dos caboucos para a construção dum muro na quinta do Instituto Missionário Salesiano, em Carrascal de Manique (freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais), surgiu uma pedra bem cortada, metida num muro posto na altura a descoberto.

² VASCONCELOS (J. Leite de), *Religiões da Lusitânia na Parte que principalmente se Refere a Portugal*, Lisboa, vol. II, 1905.

³ SILVA (Augusto Vieira da), *Epigrafia de Oisipo*, Lisboa, 1944.

⁴ TOVAR (A) e NAVASCUES (J. M.), *Algunas Consideraciones sobre los Nombres de Divinidad del Oeste Peninsular*, in «Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de F. A. Coelho», vol. II, 1950, pp. 178-191.

⁵ BLÁZQUEZ-MARTÍNEZ (José María), *Religiones Primitivas de Hispania*, vol. I — *Fuentes Literarias y Epigráficas*, Roma, 1962.

Outra construção teria havido, portanto, ali. Uma capelinha a S. Paulo, segundo correu voz depois.

Estaria a dita pedra destinada ao paramento do muro a construir, se o Director do Instituto, P. Moisés Pires, o não tivesse impedido, até porque — alargado um pouco mais o alicerce — veio a encontrar-se outra idêntica, perfeitamente ajustável à primeira. Recobria ambas uma camada de cal e argamassa, o que indicava que já tinham sido utilizadas. Limpas e ajustadas uma à outra, verificou-se que formavam um prisma quadrangular regular, eram em mármore amarelo da região de Sintra e havia uma inscrição numa das faces.

Divulgada a descoberta entre a população, veio a saber-se que se tratava muito provavelmente do «friso da capelinha», como era designado pelo povo, que — ao que parece — sabia da sua existência.

O nosso colega, José Vieira Duro, comunicou-nos o achado e lá fomos: tratava-se duma ara intacta, com o *foculus*, o capitel, o fuste e a base muito bem estruturados. Felizmente, fora partida em local que em nada prejudicava a inscrição (em caracteres do séc. I).

A interpretação não oferecia dificuldade: *ARACO ARANIO / NICEO I(ulia) MAXVMA / AVVI (filia) V(otum) A(nimo) S(uo) L(ibens) S(olvit)*. Júlia Máxima, filha de Auvo, dedicou este voto, de boa vontade, ao deus Áraço Arânio Niceu.

Desconhecíamos, a princípio, as indicações de Hübner. Só depois, cotejando as *Religiões da Lusitânia*, chegámos à identificação, resolvendo, em presença da ara, os problemas surgidos.

O problema da localização

Não era, pois, na igreja de S. Paulo, de Lisboa, que a ara estava. Encontrava-se em *S. Paulo*, topónimo que ainda designa as propriedades do pequeno planalto onde a ara foi encontrada e onde se situava quiçá — e de acordo com a tradição oral (que outra fonte não encontramos ainda) — uma capela dedicada a S. Paulo.

Consultámos o Mapa Cadastral, na Secção de Finanças de Cascais (cartas 29 e 40); estão registadas, nessa área, as seguintes propriedades: 2597 — *S. Paulos*; 2608 — *Cerrado de S. Paulo*; 2609 e 2610 —

S. Paulo; 2611 — *S. Paulo*. Praticamente todos estes terrenos pertencem ao Instituto Missionário Salesiano; o 2611 (eliminado) pertenceu ao Asilo de Mendicidade de Alcobaça.

Relacionado com o problema da localização da ara, gostaríamos de salientar a importância de Manique.

Na área denominada *S. Paulo* poderia muito bem ter existido um santuário romano — sabido como é que os cristãos dos primeiros tempos procuravam substituir os cultos pagãos pelos seus. O Anónimo Napolitano aponta como existindo aí mais duas inscrições funerárias. Por outro lado, apareceram em Manique de Baixo, localidade situada no vale e na encosta a poente, vestígios de sepulturas e edifícios provavelmente romanos, como refere Paula e Oliveira ⁶.

Aliás, *Manique* não poderá ter vindo de *Mane hic*, expressão latina que quer dizer «fica aqui»? Lançamos a hipótese, sem, de momento, termos qualquer argumento linguístico que a justifique embora Forstemann (cfr. *Toponímia*, 42) ⁷ apresente as formas *Manic* e *Mennic*, que reputamos de interesse considerar.

Acrescentemos que, a sul de Manique, no prosseguimento do mesmo vale que atravessa a povoação (e cuja ribeira — a Ribeira de Manique — é o único curso de água importante da zona), situa-se Caparide, povoação cujo nome deriva de *capparis*, alcaparra, e onde se descobriram três inscrições romanas funerárias.

Há outro argumento ainda. Na doação de Cascais a Gomes Lourenço de Avelar feita por el-rei D. Fernando em 1370, ao estabelecerem-se os limites do «lugar», refere-se, a dado passo, «(...) e desy como se vay pella strada do camjnho de lixboa ataa as portas de manique (...)». Dá a impressão que havia uma estrada a unir Lisboa a Cascais, passando por Manique. Uma antiga via romana? Porque não? Difícil, hoje, com o desenvolvimento da urbanização, detectar vestígios dessa via; mas impossível, talvez não ...

⁶ PAULA E OLIVEIRA (Francisco de), *Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes* (Mémoire Posthume), in «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», tomo II, fasc. I, Lisboa, 1892, pp. 82-108.

⁷ CORREIA (J. Diogo), *Toponímia do Concelho de Cascais*, Cascais, 1964.

Seria, pois, do maior interesse que as entidades competentes envidassem esforços para que se procedesse a escavações no local de achamento desta ara. Inesperadas descobertas histórico-arqueológicas poderiam vir a ser feitas.

Aracus Aranius Niceus

Debrucemo-nos sobre a divindade indígena em cuja honra foi erigida a ara de S. Paulo.

Em face da lápide, só uma dúvida poderia haver, relativamente à grafia do teónimo: *Aranius Niceus* ou *Aranioniceus*, duas ou uma só palavra? Optámos pela separação, baseados no facto de existir o vocábulo *Aranius* e outros com ele aparentados *Arania* (CIL II 6162), *Arani* (genitivo) (CIL II 5717), *Aranicus* (CIL II 851); a existência autónoma do vocábulo *Niceus* também não parece inadmissível.

Sobre os atributos desta divindade, pedimos a opinião do Sr. Prof. António Tovar, eminente especialista de Linguística Pré-Romana, que nos disse em carta de 11/XII/1969: «Infelizmente, não estou em condições de resolver o enigma da etimologia do nome da divindade». E, depois de referir as ocasiões em que os vocábulos *Aracus* e *Aranius* tinham ocorrido, sublinhou: «Nos meus *Estudios* (...) propus explicar como geográficos estes adjectivos que aparecem com nomes divinos; trata-se de divindades ligadas ao lugar. *Aranioniceo* (ou *Aranio Niceo*?) pode ser a divindade de um lugar. Parecido na Lusitânia só encontro *Arandis*, que foneticamente não seria impossível aproximar, supondo $nd > n$. Como um *Reuueanabaraeco* parece que se relaciona com *Ruanes*, a povoação onde a inscrição foi encontrada, talvez também *Aranio(niceo)* sobreviva na actual toponímia da região».

Contudo, no caso vertente, a toponímia nada parecia ajudar. Vejamos:

Quanto a *Niceus*, não nos repugna que se trate dum adjectivo formado sobre Niceia, a cidade a que já Vieira da Silva aludiu. Essa hipótese pressupõe um contacto destas populações com o Mediterrâneo Oriental. Ora, o certo é que esse contacto existiu; encontra-se documentado já desde o Neolítico, como muito bem observou o nosso pre-

zado amigo Dr. Veiga Ferreira, quando, ao estudar o espólio das grutas de Cascais, encontrou contas de calaíte, matéria que «vinha da Pérsia por intermédio do Norte de África» (*A Cultura*, 7) ⁸.

No que respeita a *Aracus* encontrámos numa obra de Dauzat ⁹ (pp. 195-6, 214) referências, que achamos oportuno ter em conta. Dauzat, estudando o radical *ar* detectado em nomes de ribeiras especialmente nos Pirenéus, nas bacias do Ródano e do Sena e no Reno médio, admite que ele tenha o sentido de «água», «água corrente», dizendo, mais adiante: «A palavra ibero-basca *aran*, vale (derivada da raiz *ar*-) cristalizou-se no nome do vale de *Aran*, cujo sentido nunca mais foi compreendido». Poder-se-ia, pois, supor para *Aracus* uma raiz de sentido relacionável com água, água corrente, curso de água. Um curso de água que os povos de Manique tivessem divinizado por lhe atribuírem grande importância na sua vida. Ora, a que se dedicariam os povos desta área? À agricultura, certamente. Numa região difícil, de solo pedregoso e seco, onde o único curso de água fertilizante é precisamente a Ribeira de Manique, em cujas margens vicejam hortas ainda hoje. Seria um deus esta ribeira, de fundamental importância na economia de então?

Talvez *Aranius* se possa ligar também com a raiz *ar*-; contudo o Sr. Prof. Tovar relaciona, como vimos, *Aranius* com *Arandis*. *Arandis* é cidade mencionada no Itinerário de Antonino sob a forma *Aranni* e que também aparece grafada *Arani* (com um só *n*); segundo Leite de Vasconcelos (Rel. II 19) situava-se entre o Tejo e o Sado, em local desconhecido (Holder assinala-a perto de Ourique — Ourique do Ribatejo, supomos). *Aranius* não quererá dizer *natural de Arandis*?

Assim, considerando *Aracus* o nome duma divindade ligada ao culto das águas, *Aranius* e *Niceus* seriam (?) epítetos de índole geográfica ou etnológica. E tínhamos o facto curioso de um deles ser de origem peninsular (*Aranius*) e outro oriental (*Niceus*) — o que era mais um documento de interpenetração cultural.

⁸ FERREIRA (O. da Veiga), *A Cultura do Vaso Campaniforme no Concelho de Cascais*, Cascais, 1964.

⁹ DAUZAT (Albert), *Les Noms de Lieux*, Paris, 1947.

São hipóteses — quiçá sem qualquer valor — que muito desejaríamos ver, em breve, confirmadas ou refutadas por uma cuidada campanha de investigações arqueológicas na arqueologicamente rica península de Lisboa.

OUTRA BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO (Rogério), **Onomástico Ibérico (Tentativa Etimológica)**, **Teogonia**, in «Boletim Cultural», Câmara Municipal do Porto, vol. XXI, fasc. 3-4, 1958, p. 347. Interpretação baseada no Grego.
- ENCARNAÇÃO (José d'), **Sensacional Descoberta Arqueológica**, in «Jornal da Costa do Sol», 23-XI-1968. Primeira notícia, sumária, do reaparecimento da ara.
- ENCARNAÇÃO (José d'), **Notas sobre Vestígios Romanos no Concelho de Cascais**, Estoril, 1968, pp. 12-15, 17-18.
- ENCARNAÇÃO (José d'), **Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal**, tese de licenciatura (inédita), Faculdade de Letras de Lisboa, 1969, pp. 26-32.
- ENCARNAÇÃO (José d'), **Inscrições Romanas de Cascais**, in «Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães» (Boletim n.º 2), Cascais, 1971, pp. 105-107.
- FERREIRA (G. L. Santos), **Breves Observações acerca do Methodo Seguido no 2.º Volume das «Religiões da Lusitania» para a Leitura de Certas Inscrições Latinas**, Lisboa, 1913. Considera **Aracus-Aranius** a «denominação familiar do bom génio de Arachne» (pp. 17-18).



A ara dedicada à divindade Aracus Aranius Niceus.

Assemp. p. 110

62

DI·S·M

L·RVTILI L·F·GAL
SEVERI ANXXX
RVTILIA·MATER·
D·S·F·C·

Ibide in ara

ARACOARANTIO
NICEO·I·MAXVMA
AVVI·VA·S·L·S·

Ibide

L·CORANIVS L·F·GAL
BVBVYS HIC S E

(11 de m coll. 15)

COIS AXVIII
CLATIAE M·F·
MARCELLAE·
ANXV 37

Fotocópia da página do Anónimo Napolitano, em que pela primeira vez foi publicada esta inscrição [a 2.ª]. Note-se que se referem mais duas.